

CONVERSANDO COM ANNA CAROLINA REGNER

*Russel Teresinha Dutra da Rosa**

Anna Carolina Krebs Pereira Regner, professora do Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Ufrgs, de 1977 a 2002, uma das fundadoras e coordenadoras do Grupo Interdisciplinar de Filosofia e História das Ciências (Gifhc-Ilea-Ufrgs), de 1996 a 2001, e editora da revista *Episteme*, no mesmo período, destaca-se no cenário nacional pela produção acadêmica e pelo intercâmbio com pesquisadores do país e exterior.

Ao longo de sua carreira, a professora tem se dedicado, entre outros projetos, às linhas de pesquisa “Filosofia e História da Biologia (e da teoria darwiniana em particular)” e “Retórica e racionalidade científica”.

Desde 2002, Anna Carolina é professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), onde desenvolve o projeto de pesquisa “Reconstruindo a argumentação da ‘Origem das Espécies’: um estudo das estratégias da racionalidade científica (linguagem e práxis na constituição da ciência)”.

Para finalizar essa breve apresentação e entregar a “palavra” a Anna Carolina, é importante mencionar as inúmeras publicações da autora, além de suas participações em congressos, simpósios e conferências. Alguns de seus trabalhos estão listados ao final da entrevista.

Russel – *Para iniciarmos a entrevista, poderíamos citar alguns de seus trabalhos mais importantes e seus interesses e projetos atuais? Gostaria também que você dissesse qual a sua atual posição na Unisinos.*

Anna Carolina – É difícil para mim citar trabalhos que eu considere mais importantes. Para mim, todos acabam tendo a mesma importância, o que não quer dizer que os considere “muito” importantes. A todos dedico empenho intelectual e afeto. Talvez, considerando a condição matricial que teve para grande parte de meu trabalho posterior, minha tese de doutorado “A natureza teleológica do princípio darwiniano de seleção natural: a articulação do metafísico e do epistemológico na *Origem das Espécies*”, tenha sido importante.

* Professora da Faculdade de Educação da UFRGS, membro do GIFHC/ILEA. E-mail: russel@orion.ufrgs.br

Ela também esteve ligada a um período de minha formação que teve muita importância para minha maturidade filosófica, quando estudei com Paul Feyerabend na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Na linha de desenvolvimento intelectual, também foi muito útil minha experiência como professora de Filosofia da Ciência para alunos de Graduação no Saint Mary's College da Califórnia, como professor Fulbright. Quando se tem que lecionar sem contar com o entendimento tácito da língua ou da especialidade, precisamos de uma redobrada clareza de nossas próprias idéias. Foi um ótimo exercício. Considerando a repercussão de trabalhos para a área de pesquisa da Filosofia e História da Ciência, creio que ter participado da fundação do Gifhc e da revista *Episteme*, bem como ter organizado o I Encontro do Cone Sul da área, foram talvez minha iniciativas mais importantes.

Atualmente, continuo perseguindo o filão aparentemente inesgotável das questões filosóficas envolvidas pela teoria darwiniana, bem como as análises contemporâneas do discurso da ciência. De um modo especial, estou explorando as relações entre retórica e racionalidade. A respeito disso, o estudo de Darwin continua sendo um estudo de caso exemplar para mim.

Meu trabalho docente e de pesquisa, desde 2002, quando me aposentei como professora da Ufrgs, realiza-se no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), onde sou professora Titular I e leciono teoria da argumentação, teoria do conhecimento e filosofia da ciência.

Russel – *Eu tive a sorte de ser sua aluna, quando houve uma participação sua no “Seminário Poder e ciência – questões epistemológicas da complexidade I”, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufrgs, em 1992. Na época, fiquei muito impressionada pela sua capacidade de tornar acessível, com uma clareza e objetividade raras, conhecimentos profundos e complexos na área da Filosofia e História das Ciências. Gostaria de saber como foi sua experiência docente na Ufrgs?*

Anna Carolina – Meu trabalho com os alunos que tive na Ufrgs deixou-me cheia de boas lembranças, tanto pela sala-de-aula, como pelas orientações de Iniciação Científica que realizei, no departamento de Filosofia. Também por curtos, mas muito profícuos espaços de tempo, lecionei junto ao Programa de Pós-Graduação em Administração e no de Psicologia Social e Institucional. Até hoje, continuo tendo contato com alguns de meus ex-alunos! Lecionei várias disciplinas, o que foi pessoalmente muito importante para ter uma visão de boa abrangência do panorama filosófico. Em particular, lecionei disciplinas e seminários nas áreas de Filosofia Moderna, Teoria do Conhecimento, Filosofia e História da Ciência. Ao tratar de Filosofia da Ciência, o foco certamente foi

de Filosofia Contemporânea. E tive um prazer muito grande em ativamente participar do Gifhc e da *Episteme*, vinculados ao Ilea.

Russel – *Antes de conversarmos sobre a criação e a coordenação do Gifhc, na Ufrgs, dos projetos de investigação em colaboração com pesquisadores da comunidade científica nacional e internacional e dos grandes eventos de cunho internacional, sob sua coordenação, gostaria de perguntar sobre sua formação acadêmica e influências em seu pensamento.*

Anna Carolina – Graduei-me como Bacharel e como Licenciada em Filosofia na Ufrgs, realizei meu mestrado em Filosofia na PUC-RS e obtive meu grau de Doutor por defesa direta de tese no Programa de Doutorado da Faced/Ufrgs, que me proporcionou uma banca interdisciplinar, como minha tese pedia, e ao qual sou muito grata pela acolhida.

De influências, a mais marcante foi a de Paul Feyerabend, com quem vim a estudar de 1980-1983 e sob cuja supervisão escrevi um longo “paper” que viria a ser o embrião de minha tese. Aliás, “paper” que me valeu um A+ dado por Feyerabend!

Russel – *Houve professores brasileiros que tenham influenciado o seu pensamento?*

Anna Carolina – Tive e tenho grandes amigos, que muito me auxiliaram e que, de um modo ou de outro, me influenciaram. Destaco alguns nomes, representativos de influências em diferentes fases de minha vida acadêmica: em meu período de graduação e no início de minha atividade profissional, Rejane Maria de Freitas Xavier; em meu mestrado, meu orientador Laetus Veit; em meu doutorado, Roberto de Andrade Martins, que, com toda a dedicação e apoio, me acompanhou e incentivou no tumultuado período de redação de uma tese quase sem fim (mais de 800 páginas) e, sem ele, provavelmente eu não a teria concluído, e Carlos Roberto Velho Cirne Lima, que a leu e aceitou ser meu co-orientador, juntamente com o Roberto Martins, na minha apresentação e defesa de tese no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Russel – *Tenho curiosidade em saber como foi despertado o seu interesse por Filosofia e História das Ciências, bem como a escolha do personagem Darwin para o seu doutoramento.*

Anna Carolina – Primeiro, meu interesse por Filosofia foi definitivamente assentado quando eu tinha 15 anos e estudava Jaspers e pensadores existencialistas com a professora Cecília Granja na Escola Normal do Instituto Gen. Flores da Cunha de Porto Alegre. Ela despertou-me o gosto pelas questões filosóficas. Mais tarde, quando minha filha mais velha foi para o Jardim de Infância, fui à Universidade para estudar Filosofia.

O adentramento na Filosofia e História das Ciências começou com a monitoria que exerci junto à disciplina Evolução do Pensamento Científico, sob a responsabilidade de Rejane Maria de Freitas Xavier, professora da disciplina. Foi um período extremamente valioso. A professora Rejane foi para mim um modelo intelectual e didático e oportunizou-me uma experiência de muita autonomia “supervisionada”. Aprendi muito. Depois, recém formada, surgiu uma vaga para professor horista naquela mesma disciplina junto ao Departamento de Filosofia da Ufrgs e, então, definiu-se a Filosofia e História da Ciência como área central de minha atividade filosófica.

Posteriormente, ao ir para Berkeley estudar com Feyerabend, enquanto lá eu estava eclodiu mais uma versão da polêmica criacionistas vs. evolucionistas nas escolas da Califórnia. Pareceu-me interessante estudar os porões da racionalidade a partir da análise dessa polêmica. Para tanto, precisava conhecer razoavelmente o coração da disputa, a teoria darwiniana. Comecei então a estudar Darwin e não parei de fazê-lo até hoje. Há sempre coisas novas e fascinantes a explorar. Talvez meu presente interesse no estudo da racionalidade e da retórica seja um resgate do interesse original que me levou a Darwin.

Russel – *Você poderia comentar sobre os estudos desenvolvidos sob orientação de Paul Feyerabend?*

Anna Carolina – Fui para Berkeley com o objetivo de estudar com Feyerabend. Tendo lido sua primeira versão de *Contra o Método* (edição espanhola) em 1976, naquela ocasião fiquei muito motivada pela “virada” mental que sua leitura provocou em mim. Em 1980, chegado o momento de pensar em um doutorado, com uma bolsa CAPES e com o aceite pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade da Califórnia, Berkeley, para lá me dirigi com meus três filhos e com o apoio das visitas de meu marido, que não podia permanecer conosco o tempo todo.

Feyerabend era uma pessoa vivaz, ágil apesar de paraplégico, espirituoso, atencioso com os alunos e beirando à insolência com seus comentários irônicos sobre a instituição e alguns colegas. Foi o professor mais organizado que já tive, com as aulas mais bem preparadas e com as maiores audiências. Em seus seminários, dava liberdade quanto às escolhas temáticas, mas exigia comprometimento quanto a provimento prévio de material aos colegas, apresentação temática e condução das discussões. Qualquer coisa que não estivesse clara, Feyerabend interrompia a exposição e surpreendia a todos com seus pertinentes “contra-exemplos”. Assisti a disciplinas de Filosofia da Ciência e Teoria do Conhecimento, por ele ministradas para grandes audiências, bem como seminários, com um número reduzido de alunos. Entre esses, um sobre Aristóteles, cabendo a mim o tema dos movimentos celestes. Mas, certamente, foi a experiência que tive de estudos individuais supervisionados com

Feyerabend o que mais me marcou. Propus-lhe um estudo da *Origem das Espécies* de Darwin, que ele aceitou com a graciosa ressalva de aprender comigo, uma vez que sua base histórica estava antes na Física e na Astronomia. Foram desses estudos que resultou um longo *paper* que seria o embrião de minha tese de doutorado. Sempre atencioso aos pontos que discutíamos, seus comentários ainda hoje se revelam muito úteis. Dizia-me, por exemplo, que, se queria encontrar algo epistemologicamente novo, devia ir antes ao século XIX do que ao século XX.

Russel – *Mais recentemente, em 2001, você desenvolveu projeto de pesquisa junto ao Programa de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Stanford (EUA), coordenado por Timothy Lenoir, você poderia comentar esses estudos?*

Anna Carolina – Conheci o trabalho de Timothy Lenoir durante minha estadia como Professor Fulbright junto ao Saint Mary's College da Califórnia, de 1994-1996. Naquele período, freqüentei também Stanford como *visiting scholar* junto ao Centro de Estudos Latino-Americanos. Dentre as atividades que lá desenvolvi, assisti ao curso sobre revolução darwiniana, oferecido por Lenoir. Posteriormente, por ocasião da sua vinda a Porto Alegre, em 1997, tivemos oportunidade de conhecer mais sobre suas novas idéias acerca da análise da ciência e do seu conceito de tecnocência. Assim, em 2001, escolhi a realização de um Pós-Doutorado (bolsa CAPES) no Programa de Stanford, coordenado por Lenoir, para realizar um projeto de re-construção de argumentos darwinianos na *Origem*, tendo em vista a análise do papel de recursos retóricos na sua estrutura argumentativa e o conceito de racionalidade que desde aí poderíamos elaborar. Minha escolha do Programa devia-se tanto aos estudos darwinianos do Lenoir, quanto ao interesse que suas novas idéias sobre a tecnocência despertavam para meu próprio trabalho sobre “racionalidade em ação”.

Dentre as várias atividades previstas para minha estadia em Stanford, estava a de ministrar um seminário conjunto com o Lenoir sobre Darwin. Infelizmente, um inesperado infarto do miocárdio interrompeu meus planos e cancelou muito do que estava ainda a ser feito, incluindo esse seminário. Mas, o tempo em que lá estive, foi muito produtivo. Além das discussões de meu projeto com Lenoir, assisti a excelentes seminários sobre Teoria Literária, nutrimo-me com nova, extensa e rica bibliografia, tive contato com grupos de U.C. Berkely, U.C. Los Angeles e com Michael Ghiselin e seu grupo na Academia de Ciências da Califórnia, e passei uma semana trabalhando como *scholar* sul-americano no Swarthmore College, na Pensilvânia, a convite de Hugh Lacey.

Russel – *Como você vê a agenda tradicional da Filosofia da Ciência?*

Anna Carolina – Hoje já é difícil falar da agenda “tradicional”, quando até Feyerabend é muitas vezes chamado de “tradicional”! Mas, se entendermos por tradicional aquela agenda calcada numa filosofia da ciência ocupada com questões de aceitabilidade das explicações científicas, a partir das tradicionais razões lógicas e empíricas e dando lugar às já tradicionais polêmicas “realismo/instrumentalismo”, “internalismo/externalismo”, “ciência pura/aplicação tecnológica”, “teoria/experimentação”, penso que essa agenda não dá conta dos traços mais distintivos da ciência, hoje apresentada em termos de “programas de pesquisa” e de “campos (inter)disciplinares”, pedindo a consideração de uma complexa rede institucional envolvida na sua produção e sustentação. Ao examinar as condições que determinam ou tornam possível a ciência hoje, à luz das novas abordagens tecnológicas, dos novos contornos disciplinares e interdisciplinares e das materialidades do fazer ciência, aquela pauta de questões precisa ser redimensionada. As reflexões que então se impõem pedem um novo entendimento de conceitos tais como “teoria”, “experiência”, “evidência”, “faculdade cognitiva”, “sujeito” e “objeto” e demandam discussões sobre o caráter institucional, cultural e político do empreendimento científico, rompendo com nosso modo tradicional de pensar a ciência.

Russel – *Qual a sua posição em relação às vertentes teóricas que anulam a distinção entre a ciência e outras práticas culturais?*

Anna Carolina – Essas vertentes chamaram a atenção para um aspecto importante: a dimensão das relações de poder que também perfazem a ciência. A meu ver, porém, incidem em uma dificuldade básica. Ainda que a ciência seja uma prática cultural entre outras, vê-la sob esse prisma retrata uma condição necessária para elucidá-la, mas não suficiente, pois não explica as distinções que, de fato, ocorrem entre uma e outra prática, com seus valores e critérios de legitimidade próprios. Por exemplo, simplesmente dizer que “verdadeiro” e “falso” são critérios do dominador, não explica porque, na ciência, o dominador se expressa através de tais valores e atribui valor a critérios tais como testabilidade empírica, coerência interna, probabilidade, etc., enquanto noutras práticas outros sejam os valores referentes. Reduzir as diferenças a parâmetros muito gerais ou negar a ocorrência de valores propriamente cognitivos não elucidam a prática enquanto tal. Ao objetar a tal redução, não estou, desse modo, negando a influência de valores de outra natureza na ciência, e muito menos os reduzindo a valores meramente cognitivos. Mas, a bem de preservar sua influência, há que fugir às reduções e simplificações do tecido institucional da ciência.

Russel – *O que você pensa sobre a criação de disciplinas de Filosofia e História das Ciências em currículos de graduação?*

Anna Carolina – Em algumas universidades, isso já ocorre. É o caso da Unisinos, por exemplo. Penso que tais disciplinas são quase que indispensáveis à visão interdisciplinar que hoje é estimulada em educação e projetos de pesquisa. No caso das licenciaturas, facilitaria muito o trabalho integrado a ser desenvolvido pelos professores no Ensino Fundamental e Médio. No caso dos bacharelados, propiciaria uma visão mais abrangente e, quem sabe, criativa da área de pesquisa do aluno. Como em tudo, porém, os nomes das disciplinas de nada valem sem a correspondente atitude, qualificação do professor e o comprometimento de todos. E uma das grandes dificuldades é entender que o sistema educacional, como um todo, está carente e que a Filosofia e História das Ciências só vai trazer uma contribuição valiosa se integrada a um qualificado ensino-aprendizagem das ciências em nossos currículos escolares.

Russel – *Passando a iniciativas institucionais na área, como surgiu o Gifhc, na Ufrgs, e a revista Episteme?*

Anna Carolina – A história do Gifhc está, em suas linhas gerais, no seu site na Internet. Seria longo recontá-la agora em seus detalhes. Mas o Gifhc nasceu de uma fértil e prazerosa experiência interdisciplinar que tivemos, a partir de interesses de professores da Biologia (em suas várias áreas e da Genética, em particular), da Paleontologia, da Filosofia e da Educação, em discussões sobre evolução. Logo professores de outras áreas começaram a participar de nossos encontros, sempre informais, e o leque de temas também foi se abrindo. Em 1993, houve a oportunidade institucional, promovida pela Pró-Reitoria de Pesquisa, de transformá-lo num grupo interdisciplinar de pesquisa, e o Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências (Gifhc) nasceu! Embora inicialmente “lotado” no IFCH, em 1996 tornou-se vinculado ao Instituto Latino Americano de Estudos Avançados (Ilea), então dirigido pelo professor Mario Costa Barberena. O Ilea, como um instituto independente dos demais, abria espaço para um grupo efetivamente interdisciplinar, não cabendo vinculá-lo a um ou outro dos Institutos a que pertenciam seus membros. E ganhamos também espaço físico próprio!

As atividades a que se propunha o Gifhc encontram-se também registradas em seu site na Internet. Dito de modo breve, visava a atividades macro – às quais todos os membros igualmente concorriam – e micro – constituídas pelos projetos particulares de pesquisa, de indivíduos ou pequenos grupos dentro do Gifhc. Entre as atividades macro, além da promoção de eventos, encontros e cursos abertos à comunidade em geral e das reuniões internas de estudo, propomo-nos à criação e à publicação de uma revista: “*Episteme: Filosofia e História das Ciências em revista*”, que teve seu primeiro número publicado no primeiro semestre de 1996.

Russel – *Sei que houve muito esforço pessoal seu para a Revista Episteme ser indexada no Sociological Abstracts, Social Services Abstracts, Political Science and Government e Linguistics & Language Behavior Abstracts, The philosopher's Index e SciELO (Scientific Electronic Library Online). Você poderia contar um pouco a história da Revista Episteme?*

Anna Carolina – Não houve nada de esforço especial quanto à indexação de *Episteme*. A *Episteme* satisfazia os requisitos, eu era sua editora no momento e, antes de deixar o cargo, simplesmente fiz os encaminhamentos necessários. O Rualdo Menegat, que me sucedeu, encarregou-se de concluí-los.

Episteme surge em 1996. Quanto à história da *Episteme*, penso que um fator decisivo para seu sucesso foi o esforço do grupo, tanto para sua organização como para sua distribuição e, obviamente, a qualidade dos trabalhos publicados, contando com um bom corpo de pareceristas. Lembro que o Attico Chassot, no primeiro número de *Episteme*, conseguiu, em apenas um Encontro, vender um número enorme de revistas! Aquele foi um estímulo sensacional! E durante as etapas gráficas, havia a necessidade de um trabalho contínuo e incansável de acompanhamento junto à revisão, diagramação, arte final e impressão, conseguindo recursos um pouco ali, outro tanto acolá. Para a capa do primeiro número, minha filha Andréa e o filho do Chassot, André, contribuíram, respectivamente, com o desenho e a fotografia do mesmo! Inicialmente, obtínhamos selo para o correio junto aos diversos programas de pós-graduação a que estavam ligados os participantes do grupo. A Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (depois, apenas Pró-Reitoria de Pesquisa) da Ufrgs foi sempre um vibrante apoio. Seguidamente, estávamos lá às portas da Marininha Aranha. Outro fator muito importante foi a ampla penetração que *Episteme* teve nos países do Cone Sul. Por fim, uma política de envio da revista a grandes centros e, igualmente, a centros carentes de literatura na área, a título de permuta e doação, bem como uma boa mala-direta auxiliaram muito na divulgação da revista e do reconhecimento de sua qualidade.

Russel – *Gostaria que você falasse sobre a experiência de coordenar a organização de grandes eventos como “Filosofia e História das Ciências: I Encontro do Cone Sul”, na Ufrgs, em 1998.*

Anna Carolina – Foi uma experiência de muito trabalho, mas que deu certo. Todos participantes do grupo vestiram a camiseta e fomos atrás da sua cuidadosa realização. Tomamos conta de todos os detalhes, da programação ao material gráfico (folders, cartazes, crachás, revistas) e percorri várias instâncias atrás dos recursos. Foi decisivo o auxílio que então recebemos da prefeitura Municipal de Porto Alegre, garantindo a maior parte das passagens aéreas. Contamos ainda com o apoio da Fapergs e do CNPq. Na Ufrgs, as pró-Reitorias de Pesquisa e de Extensão encamparam junto conosco a idéia do

Encontro, desde recursos, até a esmerada atenção das funcionárias da Extensão na busca de pequenos patrocínios para café e lanches.

A idéia do evento começou em fins de 1997, quando estive na Argentina e, em conversas com Eduardo Rabossi, pensamos que seria muito bom um encontro que nos reunisse para conhecermos melhor nossos próprios trabalhos. Trouxe a idéia ao grupo, que logo a acolheu, e passamos a trabalhar. Esse evento contou com 237 participantes, de mais de 40 instituições diferentes, e mais de sessenta pesquisadores de universidades argentinas, uruguaias e brasileiras apresentaram trabalhos. Houve uma sessão de Grupos de Discussão, com um total de 45 registrados entre grupos e projetos de pesquisa que interagiram, abrindo o caminho para o estabelecimento de canais regulares de comunicação. Por exemplo, o Gifhc e o grupo da Universidade de Mar Del Plata coordenado pela Gladys Martinez de Tomba passaram a colaborar para a realização de um projeto sobre a teoria darwiniana. Penso que o sucesso do Encontro deve-se a que respondeu a um ensejo e maturidade de trabalho que já havia e não tinha, ainda, um espaço institucionalizado para florescer. O Encontro desempenhou um papel muito importante para o trabalho cooperativo que se seguiu, e para a fundação da Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (Afhic).

Russel – *Foi esse o primeiro evento organizado pelo grupo?*

Anna Carolina – Não. Um dos objetivos do Gifhc, desde seu início, foi promover as discussões sobre Filosofia e História das Ciências na forma de eventos, na Ufrgs, abertos à comunidade mais ampla. Foi assim que, em 1997, promoveu, em conjunto com a Pró-Reitoria de Pesquisa da Ufrgs, Hospital de Clínicas e Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, um Curso de Extensão chamado “Tecnociência”, ministrado por Timothy Lenoir. Em 1998, promoveu uma série de palestras proferidas por Michael Ruse, intituladas “The morality of the gene: a sociobiological approach to ethics”, “Crossing the divide : making evolution into professional science” e “Darwin then and now”. Nosso próximo evento, em 1998, buscou uma comunidade ainda mais ampla, para estabelecer laços e fortalecer mutuamente nossa pesquisa, pelo conhecimento do que estávamos fazendo. E organizamos o “Filosofia e História das Ciências: I Encontro do Cone Sul”.

Russel – *Que outros eventos do Gifhc sob sua coordenação você destacaria a partir do Encontro do Cone Sul?*

Anna Carolina – Em 1999, promovemos o Simpósio Internacional “Ciência e tecnologia: explorando novas dimensões conceituais”, em co-promoção com o Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Ufrgs e Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado, e com apoio da Fapergs e CNPq. Contamos com a participação de Ian Hacking, Timothy Lenoir,

Vassiliki Smocovitis, Roberto Gaeta, Victor Rodrigues, Roberto Martins, Alberto Cupani, José Roberto Goldim, Joaquim Clotet e outros.

Em 2000, foi o Simpósio internacional “Novos rumos da ciência: auto-organização e sistemas biológicos complexos”, na Ufrgs, co-promovido pelo Gifhc, pelo Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular e pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Ufrgs, com a participação de Bernd-Olaf Küppers (Alemanha), Robert Ulanowics (EUA) e participantes do Brasil como Nelson Vaz (Ufmg) e da América Latina como Juan Manuel Torres (Argentina) e Jorge Marín (Chile). Também contamos com o apoio da Fapergs e do CNPq.

Russel – *Qual o evento mais recente que você organizou?*

Anna Carolina – Foi o “Colóquio Internacional Filosofia e Ciência: Redesenhando Horizontes”, na Unisinos, em 2004, com o apoio da CAPES, que procurou reunir em uma grande discussão, por meio de três conferências e cinco mesas-redondas, os principais marcos em torno aos quais se movem as discussões contemporâneas sobre a natureza e fins do saber e fazer científico e tecnológico e sua inserção sócio-cultural. Como conferencistas, tivemos: Marcelo Dascal (Universidade de Tel-Aviv), falando sobre o papel essencial do espaço dialógico (e das controvérsias, em particular) na produção do saber científico e no encontro da racionalidade; Rodolfo Gaeta (Universidade Nacional de Buenos Aires), refletindo sobre os filões mais tradicionais da filosofia da ciência contemporânea; Timothy Lenoir (Universidades de Stanford e Duke), propondo um “Requiém para o cyborg” o que ele chama de tecnohumanismo, criticando certas orientações recentes nos *science studies* e examinando a necessidade de discutirmos novas estratégias para as Humanidades a fim de preservar seu papel em relação aos avanços tecnológicos contemporâneos. Em mesas de debates – com Ana Luisa Janeira (Universidade de Lisboa), Nelson Gomes (Universidade de Brasília), Antônio Augusto Videira (UERGS), Alberto Cupani (UFSC), Gustavo Caponi (UFSC), e Luiz Henrique de Araújo Dutra (UFSC), junto aos professores e pesquisadores da Filosofia da Unisinos – foram discutidos temas que gravitam em torno àqueles marcos, como ciência e linguagem, ciência e valores, ciência e ação, ciência e poder, e filosofias de ciências particulares. Por fim, as relações Universidade (pesquisa acadêmica) – empresa (pesquisa industrial) foram examinadas em palestra de Timothy Lenoir sobre a co-evolução de Stanford e do Vale do Silício. Desse encontro resultou um livro, “A Filosofia e a ciência redesenham horizontes” (Editora da Unisinos, 2005).

Russel – *Você poderia comentar a criação da Afhic como resultado de movimento iniciado em 1998, durante a realização do evento “Filosofia e História das Ciências: I Encontro do Cone Sul”?*

Anna Carolina – Naquele Encontro ficou resolvido que realizaríamos um segundo, na Argentina, e o local escolhido foi a Universidade Nacional de Quilmes. Assim, em 2000, na Universidade de Quilmes, teve lugar o II Encuentro de Filosofía e Historia de la Ciencia del Cono Sur. Nesse segundo encontro, foi fundada a Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (Afhic) e, ao correr de 2000, Roberto de Andrade Martins ficou encarregado de propor o texto para os Estatutos, em várias rodadas de consultas eletrônicas. Por fim, chegamos ao texto definitivo e a uma Diretoria Provisória, da qual fiz parte, a fim de se proceder à primeira eleição para Presidente e Diretoria da Afhic. Fui presidente da Comissão Eleitoral e a apuração teve lugar aqui no Ilea, na sala do Gifhc! Roberto Martins (UNICAMP) foi eleito seu primeiro presidente. Em 2003, foi eleito o Pablo Lorenzano (Universidade Nacional de Quilmes) e, em 2005, Alberto Cupani (UFSC).

Russel – *Você teve participação na primeira Diretoria Provisória e no Comitê Consultivo eleito em novembro de 2000. Em 2005, você foi novamente eleita representante no Comitê Consultivo. Qual tem sido o papel da Afhic?*

Anna Carolina – A Afhic é a instituição que reúne a Filosofia e História da Ciência, sendo espaço privilegiado para discussões e esforços conjuntos para a promoção da área no Cone Sul. Além dos encontros bi-anuais que organiza e da promoção de grupos temáticos de estudo, a Afhic criou uma Coleção para divulgação de nossos trabalhos e, em breve, estarão sendo publicados dois livros, um dedicado à Biologia e outro à Física, com uma versão também em inglês. As instituições não andam sozinhas. O que está por vir da Afhic depende do rumo que lhe dermos. Creio que não faltará empenho, pois a Afhic teve o tempo certo de maturação e nasceu do anseio de todos.

Russel – *Professora Anna Carolina agradeço sua disponibilidade em conceder esta entrevista e devo dizer que, como sempre, aprendi muito com mais esta sua contribuição.*

Algumas publicações

Livro

Charles Darwin, notas de viagem: a tessitura social no pensamento de um naturalista. Porto Alegre: EST/Grafosul, 1988. v. 1. 92 p.

Organização de livro:

A filosofia e a ciência redesenham horizontes. (Orgs: Anna Carolina Regner e Luiz Rohden). São Leopoldo, Editora Unisinos, 2005.

Capítulos de livros

Uma nova racionalidade para a ciência? In: Boaventura de Sousa Santos. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo, 2004, p. 291-324.

Caos, complexidade, criatividade - a natureza como sistema: um estudo de caso. In: Carlos Cirne-Lima; Inácio Helfer; Luiz Rohden. (Org.). *Dialética, caos e complexidade*. São Leopoldo, RS, 2004, p. 257-281.

Probabilidade: questão epistemológica ou ontológica? Um estudo de caso.. In: Patricia Morey; Pio Garcia. (Org.). *Epistemología e Historia de la Ciencia - Selección de Trabajos de las XIV Jornadas*. Córdoba, 2004, v. 10, p. 457-464.

Darwin, Newton e o conceito de ciência do século XIX. In: Fernando Kunzler; Eluza Maria Nardino Enck; Ester Litvin; Helena Surreaux; Léia Klöchner; Mayra Lorenzoni. (Org.). *Freud e seus filósofos*. Porto Alegre, 2004, p. 73-110.

O jogo do atual e do possível e as manhas da razão: um estudo de caso. In: Pablo Lorenzano; Fernando Tula Molina. (Org.). *Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur*. Quilmes, 2002, p. 367-377.

O fazer científico e as especificidades das áreas e uma nova agenda para a ciência. In: Maria da Graça Krieger; Marininha Aranha Rocha. (Org.). *Rumos da pesquisa: múltiplas trajetórias*. Porto Alegre, 1998, v. 1, p. 271-276.

Feyerabend/Lakatos: adeus à razão ou construção de uma nova racionalidade?. In: Portocarrero, Vera (org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências 1: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro, 1994, v. 1, p. 103-131.

Darwin e a Natureza - o olhar metafísico na pergunta da ciência. In: Luís Alberto de Boni; Ernildo Stein. (Org.). *Dialética e Liberdade: Festschrift em homenagem a Carlos Roberto Cirne Lima*. Petrópolis, 1993, v. 1, p. 26-46.

Artigos

A Origem das Espécies: diálogo de imagens na trilha de uma teoria. *Comciência*, Campinas, SP, n. 56, 2004.

The Correspondence of Charles Darwin, Volume 13: 1865. Supplement 1822-1864. *Historical Studies for the Physical and Biological Sciences*, U. C. Berkeley (EUA), v. 34, p. 400-400, 2004.

The correspondence of Charles Darwin - 1864, vol.12. In: HSPS, vol.33, Part 2, p.406. *Historical Studies For The Physical And Biological Sciences*, U.C. Berkeley (California), v. 33, n. Part 2, p. 406-406, 2003.

O conceito de natureza em A Origem das Espécies. *História, Ciência e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, Brasil, v. VIII, n. 3, p. 689-712, 2001.